

**Transcrição da entrevista realizada com Luciene Dias dos Santos, no “Quiosque da Bárbara”, na Praça XV, próximo à Polícia Federal, dia 10/11/2004, com início às 20:10 h.**

**Entrevistada: Luciene Dias dos Santos (L)**

**Entrevistador: Monique da S. Cabral (M)**

M: Estamos aqui no “peixe”, na Praça XV, são oito e dez da noite, 10 de novembro de 2004, vou entrevistar a Luciene Dias dos Santos, guardete da Fundação Biblioteca Nacional.

M: Luciene, conta pra mim um pouquinho sobre a sua infância.

L: Olha, a minha infância, eu ,eu acho que a minha infância foi maravilhosa. A infância que eu tive, infelizmente a minha filha não está tendo. Eu como todo criança, eu brinquei, é, de, assim tudo que uma criança brinca, de pique, de carniça, bandeirinha, lateral, então eu acho que a minha infância foi maravilhosa. Foi ótima.

M: E onde você viveu a maior parte da sua infância?

L: Vivi aonde eu nasci mesmo, em Jacarepaguá.

M: Que bairro lá?

L: Oh, o bairro é Jacarepaguá, Cidade de Deus.

M: Tá, isso, é, porque Jacarepaguá é muito grande. Pra mim é muito grande. É..., fala um pouco sobre o lugar que você estudou, onde você estudou, como foi seu tempo de escola.

L: Olha, eu estudei no, no José de Alencar, um colégio particular, por sinal muito bom. Aprendi muito esporte lá, fazia atletismo, jogava handball, que por sinal era minha, minha paixão. E, depois que eu saí de lá, fui estudar num Brizolão da Praça Seca, também muito bom, uma escola excelente, e graças a Deus não tenho do que reclamar. Em matéria de estudo foi tudo muito ótimo.

M: E..., você tinha planos assim em relação a escolha da sua primeira profissão, você sonhava assim, quando era adolescente tal, ah eu quero ser isso quando eu crescer. Como é que é, conta isso.

L: Sim. Eu sempre sonhei em ser jogadora de futebol. Mas infelizmente a minha mãe não deixou. Aí eu optei pra ser guardete porque? Porque eu sempre via as mulheres fardadas, eu achava aquilo muito legal, me identificava muito. E, eu não sabia que o nome seria guardete, ne? Eu achava que era uma policial. Aí depois que eu soube, fiz o curso, graças a Deus to até hoje na profissão.

M: E Quando que cê fez esse curso, cê lembra?

L: Não lembro (risos). Não lembro, já tem muito tempo. Não lembro.

M: Mas assim, cê tem idéia, na época, que você começou a fazer o curso, você já era casada, já tinha filho, como é que era?

L: Sim, sim, já era casada, já minha filha já tinha nascido. E como eu já teria mesmo que arrumar um emprego fixo, porque eu trabalhei de babá quatro anos, também muito bom muito legal, mas só que tem que, é, era um trabalho que não tinha futuro, não que esse tenha, mas pelo menos esse tem os benefícios maiores. E não me arrependo, gosto muito da minha profissão.

M: É...qual foi seu primeiro emprego mesmo, e assim, mais ou menos, que época que foi?

L: Meu primeiro emprego foi de babá, quando eu tinha 15 anos. Quando eu tinha 15 anos.

M: É...agora eu queria que cê falasse, você já falou, que você foi babá durante quatro anos, foi seu primeiro emprego. Mas e aí depois desse emprego como é que foram as suas experiências profissionais, você trabalhou mais em alguma coisa antes de ser guardete na Biblioteca?

L: Sim, sim, eu trabalhei, eu trabalhei no Riocentro como auxiliar de produção. Trabalhei no Norte Shopping, na pizza Hurts, também como auxiliar de produção. E depois disso foi que eu entrei na segurança.

M: Cê fez o curso.

L: Isso.

M: E o que fazia auxiliar de produção, só por curiosidade.

L: Olha, era "pizzaiola", fazia pizza (risos), fazia pizza e lá, no, no no restaurante no Riocentro, é, nós servíamos os funcionários.

M: É...conta como é que foi que você chegou na Biblioteca Nacional, como é que foi pra você entrar lá, como é que foi o processo, tal, conta um pouco sobre isso.

L: Olha eu entrei na, na minha empresa, na Fênix, e assim que eu entrei a Fênix tava pegando esse posto na Fundação Biblioteca Nacional. Foi a minha primeira experiência, né, como, como guardete e meu primeiro posto também, até porque a firma também estava sendo implantada naquele dia. (risos meus...comentário da entrevistada ao fundo: "vai começar? Tu tá me deixando tímida")

M: To nada. É...e...como é que é seu trabalho na Biblioteca, o quê que faz uma guardete, como é que é seu dia-a-dia? Você sempre trabalhou lá no prédio da Biblioteca, você trabalhou antes? Como é que foi assim, até você chegar efetivamente no local onde você está atualmente?

L: Olha, eu fui, assim que eu entrei, eu fui implantada no posto da, da Debret, lá na Diretoria da Biblioteca. E ali eu ficava numa recepção, eu recepcionava os visitantes, é, cobrava crachá dos funcionários e atendia telefone, trabalhei como telefonista no próprio setor, durante quatro anos. E depois de um tempo, é, fizeram um rodízio, foi quando eu fui lá pro prédio principal da Biblioteca Nacional.

M: E lá você faz o quê? A mesma coisa?

L: Não, não, lá o trabalho já é diferente. Lá a gente revista os leitores, é, porque não pode entrar com material impresso, não pode entrar com, é, figuras e também não pode entrar com caneta. A gente só supervisiona os leitores.

M: Ok. É...você mora sozinha, né?

L: No momento sim

M: Mas a sua família, assim, quem mais trabalha? Além de você.

L: Minha família, meus pais? Bom, o meu irmão trabalha, a minha mãe já é aposentada, que ela é oficial de mesa de bolsa de couro e o meu pai, bombeiro hidráulico também é aposentado.

M: E...por exemplo, para o seu sustento mesmo, só você mesmo que trabalha, você já se, já é auto suficiente, assim ou você depende ainda da família pra alguma coisa?

L: Não, graças a Deus, não, eu mesma que me sustento, a mim e a minha filha .

M: Quantos anos tem sua filha?

L: Oito anos.

M: É...agora assim, queria que você tentasse explicar pra mim, o que significa pra você, Luciene Dias dos Santos, ser uma trabalhadora no Brasil nos dias atuais.

L: Olha, eu acho que, hoje em dia, no mundo que nós estamos, isso é uma conquista muito grande e graças a Deus eu me sinto super privilegiada de estar empregada, porque é, o Brasil de hoje em dia a gente passa a gente vê tantas pessoas numa fila de emprego e sabendo que de repente vai sair dali e não vai conseguir nada, isso é muito triste. Eu graças a Deus me sinto privilegiada.

M: Você gosta de trabalhar na Biblioteca?

L: pequena pausa] Olha, não que eu goste de trabalhar na biblioteca, principalmente no posto em que eu estou, até porque eu fui implantada num posto completamente diferente, então eu já estava acostumada há quatro anos no mesmo posto e eu sinto muita falta de lá.

M: É...você gostaria de poder hoje estar trabalhando em outra coisa, em outro lugar, ter uma outra profissão?

L: Sim, gostaria muito de tá jogando bola lá fora. Com certeza.

M: Igual a Preta da seleção brasileira.

L: Isso. Joguei com ela inclusive.

M: É mesmo? Como é que foi?

L: Ah, ótimo. Joga muito. Mas infelizmente não foi isso que Papai do Céu quis pra mim então...

M: É...fala um pouco assim sobre, fazendo uma comparação, por exemplo, antes de você estar empregada na, né, na Biblioteca, tal, pela empresa, né Fênix que é terceirizada, né, na Biblioteca. Como é que era, se você puder fazer uma comparação entre o padrão de vida que você tinha antes e como é que tá hoje, assim, na sua visão se melhorou, se piorou, se você acha que tá legal ou poderia tá melhor, fala um pouco assim, o quê que você acha do seu padrão de vida hoje.

L: Olha, graças a Deus, eu nunca tive do que reclamar do meu padrão de vida até porque eu tenho meus pais que pra mim são duas pessoas maravilhosas e agora, graças a Deus, não dependo deles mas sempre quando eu dependia, nunca me faltou nada, sempre tive tudo do bom e do melhor e hoje em dia eu procuro dar sempre o melhor pra minha filha.

M: Como que você, sendo uma trabalhadora, uma cidadã brasileira, é, moradora da cidade do Rio de Janeiro, como é que você vê hoje a situação atual do país, né em relação ao trabalho, ao emprego mesmo, como é que tá, como é que você vê isso, se você vê se tem alguma, alguma esperança pro futuro, pras próximas gerações, é por exemplo sua filha o quê que você espera quando ela estiver, né, no mercado de trabalho. Como é que é essa situação toda, como você se vê dentro dessa situação hoje, né, de emprego de trabalho, toda dificuldade que a gente enfrenta hoje em dia?

L: Olha, em matéria da minha filha, graças a Deus, pelo menos agora, né, tá muito cedo pra falar a respeito do que vai ser ou que não vai ser, mas graças a Deus é uma menina super estudiosa, eu sempre deixei ela ciente de que temos que estudar muito pra gente poder ser alguém na vida, ainda mais no mundo de hoje em dia. Porque se a gente estudando tá difícil que dirá se não estudar.

M: Pode falar mais se você quiser.

[ao fundo a entrevistada diz: "vamos, chega"].

